



LONGE DE CASA, PERTO DA FAMA

Teresa Albuquerque
Da equipe do **Correio**

São Paulo — Eles moram na mesma casa, dividem as despesas, o carro e a faxina. Fazem os mesmos programas, tocam na mesma banda, passam dia e noite juntos. Deixaram Brasília para tentar a sorte em São Paulo e, apesar da saudade, não se arrependem. É na capital paulista, a mais rock'n'roll do país, que bandas como Rumbora e Câmbio Negro tentam viver do mesmo sonho. De música.

Formado em maio de 1997, o Rumbora está em São Paulo desde outubro do ano passado. Com disco lançado pela gravadora Trama, a banda ganhou dois fãs-clubes e já fez quase 20 apresentações, na capital e no interior. Há dez dias, abriu o show do Capital Inicial no Palace. "Foi bom demais", diz o vocalista Alf. "Não esperava que cantassem junto, foi um susto. Fiquei emocionado."

Era noite de casa cheia no Palace. Na primeira música, as cordas das duas guitarras (de Alf e Biu) arreberentaram. Mas deu tudo certo. A platéia pulou e cantou junto *Ó do Borogodó* e *Chapirous*, as duas músicas do disco que vêm tocando no rádio. No final, o Capital chamou o

Rumbora para uma dobradinha em *Veraneio Vascaína*.

Antes de trazer a mudança, Alf (voz e guitarra), Bacalhau (bateria), Biu (guitarra) e Beto (baixo) estiveram em São Paulo duas vezes. A primeira foi em junho, quando assinaram contrato com a Trama e participaram do *Ultra-som*, da MTV. A segunda, em agosto, foi para gravar o CD de estréia, 71. Foram quase dois meses num flat, todos dividindo o mesmo quarto.

Quando vieram para ficar, descobriram a "Casa Amarela", uma casa de seis quartos em Santo Amaro, na Zona Sul. Trouxeram equipamento, instrumentos, alguns móveis, e todos os pôsteres de bandas que decoravam a sala onde ensaiavam em Brasília, no Porão do Rock (207 Norte). No próximo dia 31, a banda volta à cidade como uma das atrações do festival que leva o nome do local dos antigos ensaios. Os shows serão realizados na Concha Acústica do Lago, com entrada franca.

Cada integrante ganhou o próprio quarto. O produtor Bing também ficou com um, e o que sobrou foi feito de estúdio. Os pôsteres de bandas, que decoravam a sala no Porão do Rock, foram pregados no corredor. Foram quatro meses sem telefo-

CAPITAL INICIOU O ÊXODO

Quinze anos atrás, no auge do rock brasileiro (e brasiliense), tudo apontava para o Rio. Era lá que estavam as gravadoras, as revistas, as tevês, a Rádio Fluminense. Para lá foram a Legião Urbana e a Ple-

be Rude. Na contramão do "movimento", o Capital Inicial apostou em São Paulo.

A tabela de serviços domésticos está pregada num canto da sala. Ali estão as tarefas de cada um, até depois do ano 2000. Sábado e domingo, dois ficam com a faxina da sala, dois com a da cozinha. Um fica encarregado de levar o lixo. Quem não cumprir o combinado paga multa de R\$ 5,00. Metade do dinheiro vai para a caixinha da "Casa Amarela", metade para quem fez o serviço alheio.

Beto, o baixista, é o síndico. É quem paga as contas, organiza a casa. "Já paguei a multa algumas vezes, mas Beto já está aumentando para R\$ 10,00", reclama Alf. "Claro, todo mundo paga sem pestanejar!", devolve o síndico, o único que só tem dinheiro a receber. Biu está devendo R\$ 40,00.

RAIMUNDOS

"O Rumbora é mais organizado que a gente, montou uma embaixada em São Paulo que nós não conseguimos", comenta Fred, baterista dos Raimundos.

MEMÓRIA

Quando saiu de Brasília, em janeiro de 1985, Dinho alugou casa na Bela Vista, região central, e fez do porão o lugar de ensaio. Estava maravilhado com a cidade. "Tinha morado dez anos fora do país, mas andava na Avenida Paulista achando que estava em Nova York. Até hoje fico embasbacado", ele ri.

"Fomos meio sortudos. Quando optamos vir para cá, tudo apontava para o Rio. Hoje São Paulo é a cidade mais rock do país. Mas antes isso não era tão evidente."

Depois do estouro dos Raimundos, Fred acabou se mudando para o Rio. Digão comprou uma casa em Aldeia da Serra, num condomínio afastado da cidade. Canisso também. Mora com a família em Alphaville, mas anda com vontade de voltar para Brasília. Estão bem, mas nem tanto.

"Agora é pior porque cada um montou sua estrutura familiar", diz Fred. "Fico com raiva quando dizem que os Raimundos estão fazendo música para ganhar dinheiro. Parece que a gente tem que assinar atestado de pobreza para fazer música... Aqui ninguém nunca ganhou o que as pessoas imaginam."

"Rezo todos os dias, agradecendo a Deus por tudo", diz Rodolfo. "Tivemos sorte demais. São Paulo é cruel, e muito cara. Se você põe o pé fora de casa, já gasta R\$ 5,00 para estacionar o carro. Isso pode lascrar uma banda. Mas é aqui que estão as rádios rock (são três), a MTV, os grandes shows. São Paulo realmente funciona para o rock."

fo e Digão, e outro com Zé Ovo, do Little Quail. Rodolfo passou por três flats até conseguir comprar um apartamento nos Jardins, há três anos.

■ Leia mais na página 3